

FORMAÇÃO DO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DOS METAPLASMOS

José Mario Botelho (FFP-UERJ)
jomartelho@gmail.com

RESUMO

Desde sua instituição como língua nacional, a língua portuguesa vem passando por diversas transformações fonético-ortográficas até os nossos dias. Tais transformações constituem um processo natural e de uma regularidade marcante, que se pode constatar numa simples comparação entre o seu léxico atual e o daquela época de sua instituição com a fundação do Reino de Portugal. Nesse processo de transformações, verificam-se inúmeros metaplasmos, que ocorreram na passagem das palavras da língua originária – que tem sido considerada o latim vulgar – para o português.

Palavras-chave:

Metaplasmos. Transformações fonético-ortográficas.

Processo de transformação lexical.

RESUMEN

Desde su establecimiento como lengua nacional, el portugués ha experimentado diversas transformaciones fonéticas y ortográficas hasta la actualidad. Estas transformaciones constituyen un proceso natural de notable regularidad, que se observa en una simple comparación entre su léxico actual y el de la época de su establecimiento, coincidiendo con la fundación del Reino de Portugal. En este proceso de transformaciones, se aprecian numerosos metaplasmas, que se produjeron durante la transición de palabras de la lengua original, que se le ha considerado el latín vulgar, al portugués.

Palabras clave:

Metaplasmas. Transformaciones fonético-ortográficas.

Proceso de transformación léxica.

1. Introdução

A língua portuguesa vem passando por diversas transformações fonético-ortográficas desde sua instituição, como língua nacional do antigo Reino de Portugal até os nossos dias. A saber, o referido Reino de Portugal foi fundado por Dom Afonso Henriques, que, no início do Séc. XII, se proclamou rei do Condado Portucalense, herança de seu pai, o conde Dom Henrique de Borgonha.

As transformações fonético-ortográficas, por que passou a língua portuguesa ao longo da formação de seu vocabulário, constituem um processo natural e de uma regularidade marcante, que se pode constatar numa simples comparação entre o léxico atual do português e o do latim vulgar, conside-

rando o vocabulário do galego-português da época de sua instituição com a formação do Reino de Portugal.

Nesse processo de transformações, verificam-se inúmeros metaplasmos, que ocorreram na passagem das palavras da língua originária para a língua portuguesa de forma sistemática. Convém ressaltar que tais ocorrências não se deram isoladamente; pelo contrário, ocorreram de forma regular e sistemática na formação do vocabulário das línguas românicas.

Assim, não se pode negar a possibilidade de se assinalarem semelhanças entre o latim vulgar da época do Império Romano e as línguas românicas, apesar das diferenças que os particularizam. De fato, o léxico dessas línguas é basicamente o do latim vulgar, que sofreu profundas mudanças de naturezas semânticas e gráfico-fonéticas, que o estudo de metaplasmos pode muito bem elucidar (Cf. FARIA, 1970; BOTELHO, 2022. Parte II). (Botelho, 2025, p. 190)

Do ponto de vista tipológico, a estrutura fonológica e a estrutura morfológica dos termos populares assumem o papel de maior relevância na formação do léxico português, que constitui o padrão da língua. Herdamos, também, os dois processos morfológicos de formação: a derivação e a composição, e um considerável conjunto de afixos e de desinências verbais e as duas desinências nominais.

O sistema fonêmico e a tipologia silábica do português, estabelecidos pela via popular da língua latina que se usava na península Ibérica, mais precisamente na região norte da antiga Lusitânia, prevaleceram também sobre os empréstimos (eruditos e estrangeiros). Os termos populares determinaram a estruturação morfológica, fixando padrões de temas nominais e verbais, e de desinências verbais e as duas nominais. É oportuno dizer que a forma de acusativo, sem a desinência casual “-m”, foi a que se fixou como forma nominal no latim vulgar ibérico. Daí, ser o acusativo latino o caso lexicogênico da língua portuguesa.

E os fonemas sofrem modificações (quedas, acréscimos e transposições) na transformação do vocabulário do latim vulgar para o português, *i.e.*, o resultado sonoro da disposição dos órgãos do aparelho fonador dos novos falantes sofre alterações.

Portanto, metaplasmos são as alterações fonético-ortográficas que sofreram os vocábulos durante a sua evolução, causadas pelos princípios, relativamente, inconscientes, graduais e regulares, cujo conjunto constitui o Vocalismo e o Consonantismo.

2. O que é o Vocalismo?

A reconstituição do latim vulgar, por ter sido um sistema essencialmente falado, é polêmica e apresenta divergências quanto à evolução de certas vogais.

Apesar das dificuldades para a reconstituição do latim falado, os compêndios de gramática histórica das línguas românicas, considerando certas fontes do latim vulgar, apresentam traços que diferenciam o latim clássico do latim vulgar (Cf. Botelho, 2022, p. 99⁸). A saber, são muitas as fontes dessa linguagem oral, que constitui um aparato fundamental para as análises epistemológicas que estudiosos (Cf. Grandgent, 1952; Neto, 1946; Väänänen, 1968; Câmara Jr., 1985; Bassetto, 2010; 2000; Oliveira, 2013; entre tantos) vêm fazendo: as inscrições em paredes, inscrições tumulares, inscrições em marcos sinalizadores, as tabuinhas execráticas ou de maldição (*defixionum tabellae*), as peças teatrais de Plauto e de Terêncio, o *Appendix Probi*, *A Cena Trimalchionis* (In: *Satiricon*, de Petrónio), o *Perigrinatio ad Loca Sancta* (ou *itinerarium Egeriae*), o *Glossário de Reichnau* (*Gloses de Reichenau*) e outros tipos de registros escritos da linguagem oral.

O sistema vocálico do latim clássico compunha-se de dez vogais que se reduziram, no latim vulgar, a sete vogais tônicas, devido à modificação do sistema: a quantidade das vogais (longa/breve) perde a função distintiva, dando lugar a um sistema prosódico acentual que se torna fonêmico nas línguas românicas.

Essa complexidade fonológica, em que a vogal longa, de prolação mais demorada, se distingue da vogal breve, de prolação rápida, não era normalmente representada na ortografia usual. A distinção ortográfica se dava em condições especiais, como, por exemplo, em estudos da métrica, em que se indicava a vogal longa com a sobreposição de um “macron” (—) e a vogal breve, com uma “braquia” (⌒).

Eis um exemplo de um trecho de um poema de Virgílio em latim clássico, composto em dísticos elegíacos, que era o metro mais comum da poesia lírica e de amor da época:

*Āurōrā intērēā lūcēm mōrtālībūs ālmām
āffert, ēt rōsēs Phōebūs ānhēlāt ēquīs.
Nūnc lābōr īn sīlvīs, nūnc dūlcīs īn āgrō*

⁸ Nessa obra, o autor sugere que o latim vulgar não era tão simplesmente uma modalidade oral da língua latina, pois parece criticar o fato de a nossa literatura considerar o latim clássico e latim vulgar duas modalidades da língua: “Mas não são consideradas línguas diferentes; são, pois, modalidades diferentes de uma mesma língua como o quer a nossa tradição literária.” (Botelho, 2022, p. 99).

īncipīt, ēt tōtō lūmīnē mūdūs mīcāt. (Virgílio, *Eneida*, Livro 11, v. 182-4)

(A Aurora, enquanto isso, a luz nutridora aos mortais /traz, e o Febo respira ofegante com seu cavalo rosado. /Agora o trabalho na floresta, agora o doce (trabalho) no campo /começa, e o mundo brilha com toda a sua luz.)

A distinção entre uma longa e uma breve era feita com certa facilidade pelos romanos, que desde tenra idade já desenvolvia a capacidade para isso, como observou Quintiliano (*Apud Bassetto*, 2000):

[...] uma longa corresponde a duas breves quanto à duração de emissão (ā = ă). Essa equivalência era tão perceptível aos falantes nativos, que até as crianças a conheciam, segundo afirma Quintiliano: “Longam esse duorum temporum, brevem unius etiam pueri sciunt” (Inst. Orat. 9, 4, 470). “Até os meninos sabem que a longa é de dois tempos e a breve de um só.” Esse sistema conferia à frase um caráter musical e constituía a base da métrica clássica. (Bassetto, 2000, [s.p.])

Conforme afirmou o estudioso romano, a noção de quantidade era adquirida pelas crianças ainda na fase de aquisição da língua, quando se dá a assimilação dos elementos fonético-fonológicos naturalmente.

Apesar de ser a quantidade vocálica o parâmetro para a identificação das vogais latinas, havia também o acento de intensidade (= maior força na pronúncia) e de timbre vocálico (= aberto ou fechado), que eram considerados como aspectos secundários na descrição do sistema vocálico latino.

Sobre os aspectos quantidade e timbre, o gramático latinista Ernesto Faria faz a seguinte asserção: “Embora quantidade e timbre sejam fatos inteiramente distintos, observa-se certo paralelismo em se pronunciarem as vogais longas sempre como vogais fechadas, e as breves sempre como abertas.” (Faria, 1970, p. 19). O que, de fato, se pode observar nos estudos acerca da reconstituição da pronúncia do latim vulgar é que normalmente as breves são proladas com certa abertura de timbre.

Quanto à sílaba tônica, que é aquela sobre a qual recai o acento de intensidade, *i.e.*, uma força de aspiração mais intensa, Bassetto (2000) assevera que, “se a penúltima for longa, sobre ela recai o acento intensivo; em caso contrário, se for breve, o acento recua para a antepenúltima, segundo explica o gramático Donato⁹ (VI século d.C.)” (Bassetto, 2000, [s.p.]).

Logo, considerando a quantidade vocálica da penúltima sílaba, de palavras com mais de duas sílabas, quando esta é breve (caso em que se sobre-

⁹ “*In trisyllabis et tetrasyllabis et deinceps, si paenultima correpta fuerit, acuemus antepaenultimam, ut Tullius, Hostilius; si paenultima [...] longa fuerit, ipsa acuetur.*” (Donato. *Grammatica*, 4, 371 *apud* Bassetto, 2000, [s.p.]). (“Nos trissílabos, tetrassílabos ou de mais sílabas, se a penúltima for breve, acentuaremos a antepenúltima, como *Tullius* [Túl-li-us], *Hostilius* [Hos-tí-li-us]; caso a penúltima seja longa, a mesma será acentuada.”).

põe à vogal uma braquia), a palavra é proparoxítona (“*digītus*” – “dedo”, “*auricūla*” – “orelhinha”, “*opēra*” – “trabalho”); quando vogal da penúltima sílaba é longa (caso em que nem necessita do macron sobre ela), a palavra é paroxítona (“*sapōre*” – “sabor”, “*amīcu*” – “amigo”, “*pūrum*” – “puro”). Convém ressaltar que, em latim, não havia palavras verdadeiramente oxítona; mesmo nas palavras em que se observa uma vogal longa – como ocorrem em flexões verbais ou em forma de ablativo – o acento tônico recai ou na penúltima ou na antepenúltima sílaba (Ex.: paroxítona: “*cēcīdī*” – “eu matei”; proparoxítona: “*cēcīdī*” – “eu caí”). Esse processo de colocação do acento tônico do latim se fixou por volta do século II a.C. e a partir dessa época, o acento de intensidade coocorria com o acento de quantidade até que por volta do século III d.C. predominou sobre o acento de quantidade no uso oral da língua, o que causou uma redução no quadro de vogais de dez (cinco longas e cinco breves) para sete (três abertas e quatro fechadas) na sílaba tônica.

Mais tarde, mormente no período imperial de nossa era, a quantidade vocálica perdia paulatinamente o valor distintivo. Em consequência, o caráter “intensidade” ganhava cada vez mais valor fonético distintivo. Sobre isso, Santo Agostinho (século IV-V) nos legou um precioso comentário, que se pode constatar em Maurer Jr. (1959):

Já não se fazia distinção de quantidade na África de seu tempo. Assim, no livro *De doctrina christiana* (Santo Agostinho) afirma que não deve hesitar em dizer *ossum* por *os*, ao dirigir-se a pessoas incultas, para evitar que confundam *os* (osso) com *os* (boca), pois que os ouvidos africanos não distinguem entre vogais longas e breves. (Maurer Jr., 1959, p. 9)

Assim, gradativamente as dez vogais latinas (cinco longas e cinco breves) passavam a sete no latim imperial, já que o acento de intensidade (maior força aspiratória) prevalecia em detrimento do acento de duração (quantidade vocálica). Contudo, a sílaba tônica latina não se alterara no período de formação das línguas românicas e, na passagem para o português, ainda se conservava praticamente – Lei da Persistência da Sílaba Tônica.

De fato, no latim imperial, perderam-se as oposições de duração (quantidade), mas conservaram-se as oposições de timbre, em consequência dos diferentes graus de abertura das vogais nas sílabas tônicas especialmente e nas sílabas átonas. Sobre esse fato, comenta o Prof. José Pereira (2010):

Com a passagem do acento de duração (quantidade) a acento de intensidade, a vogal tônica e, portanto, a sílaba em que ela se achava, tornou-se a alma da palavra e passou a depender dela o destino das outras sílabas, que podiam ser pretônicas ou postônicas. (Silva, 2010, p. 57) (Grifo do autor)

O português deu-lhes o mesmo tratamento, preservando as alternâncias qualitativas das vogais, presentes no latim vulgar. Apesar de serem as

pretônicas mais conservadas que as postônicas, consideram-se, ainda, os seguintes fenômenos (Cf. Faria, 1970, p. 165-269; Coutinho, 1976, p. 101-30; Botelho, 2022, p. 193-206):

Vogais pretônicas:

- se se encontravam desapoiasdas, normalmente desapareceram.

Ex.: *epigru* > prego, *inodio* > nojo, *a(t)ton(i)tu* > tonto, *inamorar(e)* > namorar, *apotheca* > bodega, *a(b)batina* > batina, *horologiu* > relógio

- mesmo apoiada, quando adjacente à tônica, modificaram-se.

Ex.: *bilancia* > balança, *mulier(e)* > molher (arcaico) > mulher

- quando adjacente à tônica, não inicial, em geral desapareceram.

Ex.: *bonitate* > bondade, *comparar(e)* > comprar

Vogais postônicas finais:

- o “e”, depois de “r”, “l”, “s”, “n” ou “z” (que podem formar sílaba com a vogal anterior em português), desapareceu.

Ex.: *amare* > amar, *deber* > dever, *se(d)ere* > ser

Vogais postônicas não finais:

- com exceção de “a”, as vogais postônicas não finais, em palavras proparoxítonas, desapareceram.

Ex: *veride* > verde, *macula* > mancha, *opera* > obra, *comite* > conde

3. O que é o Consonantismo?

O alfabeto latino contava com 21 grafemas, representado por 18 letras consonânticas (b, c, d, f, g, h, i, k, l, m, n, p, q (ou qu), r (ou rr), s (ou ss), t, u (ou V) e x e mais as três vocálicas: a, e, o, servindo o “i” e o “u” também para as vogais), o quadro de fonemas consonantais do latim apresenta-se com 14 fonemas, como se pode observar no quadro a seguir:

	Oclusivas	Fricativas	Laterais	Vibrantes	Nasais
Labiais	/p/ /b/	/f/ /u/			/m/
Dentais	/t/ /d/	/s/			/n/
Guturais	/k/ /g/	/i/	/l/	/r/	

Em uma nota, Faria (1970), citando Cícero e Quintiliano, afirma:

Cícero, referindo-se especialmente ao alfabeto latino, faz menção a vinte e uma letras: *unius et uiginti formae litterarum* (Nat. Deo. 2, 37, 93). Da mesma forma Quintiliano, ao mencionar o X, chama-o de última letra do alfabeto latino: *nostrarum ultima* (Inst. 1, 4, 9). (Faria, 1970, p. 51)

De fato, o quadro de fonemas consonantais do latim se assemelha ao da língua portuguesa, o qual apresenta mais seis fonemas, que não se encontram na língua latina, e menos /i/ e /u/ latinos, como se pode observar no quadro a seguir:

	Oclusivas	Fricativas	Laterais	Vibrantes	Nasais
Bilabiais	/p/ /b/	/f/ /v/			/m/
Dentais	/t/ /d/	/s/ /z/		/R/	/n/
Guturais ou Palatais	/k/ /g/	/ʃ/ /ʒ/	/l/ /ʎ/	/r/	/ɲ/

O sistema consonantal se alterou bastante. Além do fenômeno da sonorização de consoantes surdas, mormente intervocálicas, causada pelos substratos linguísticos, o qual constitui o principal elemento da transformação do latim vulgar, outros se processaram, alguns dos quais já se tinham operado no próprio latim, ou decorrem de analogia, ou de influência de fonema vizinho, como se podem verificar abaixo (Cf. Faria, 1970, p. 165-269; Coutinho, 1976, p. 101-30; Botelho, 2022, p. 193-206):

Consoantes simples iniciais:

Normalmente se conservaram. Porém:

- l > n/r.

Ex.: *libe(l)l(u)* > nível, *luscini(u)l(u)* > rouxinol

- v > b e b > v.

Ex.: *vesica* > bexiga, *vota* > boda, *betu(l)ariu* > vidoeiro, *bir(i)dis* > verde

- v > g/f.

Ex.: *vastar(e)* > gastar, *veruc(u)la* > ferrolho

- n > m e m > n.

Ex.: *nasturtiu* > mastruço, *mespilu* > nêspera

- m > l.

Ex.: *mem(o)rar(e)* > lembrar

- c > g.

Ex.: *ca(t)tu* > gato, *cavea* > gávea, *co(l)la* > gola

- p > b.

Ex.: *polor(e)* > bolor, *pusle(l)la* por *pustula* > bostela

Consoantes simples mediais:

- ◆ As consoantes mediais surdas, intervocálicas, se sonorizaram.

- p > b

Ex.: *lupu* > lobo, *saper(e)* > saber, *sapon(e)* > sabão

- t > d, th > d.

Ex.: *viṭa* > vida, *roṭa* > roda, *marītu* > marido, *spatha* > espada

- c (a, o, u) > g.

Ex.: *paṇar(e)* > pagar, pregar, *diṇo* > digo, *foṇu* > fogo

- c (e, i) > z.

Ex.: *aṇetu* > azedo, *viṇi(n)u* > vizinho, *faṇer(e)* > fazer

- q > g.

Ex.: *aqua* > água, *equa* > égua

- f > v.

Ex.: *profectu* > proveito, *trifo(l)iu* > trevo

- s (/s/) > s (/z/).

Ex.: *roṣa* > rosa, *a(c)cuṣar(e)* > acusar, *auṣar(e)* > ousar

- ◆ As consoantes mediais sonoras, intervocálicas, normalmente desapareceram, mas podem permanecer ou alternam-se.

- b > v ou desapareceu.

Ex.: *caba(l)lu* > cavalo, *iḃam* > ia, *praebenda* > prenda

- d – desapareceu.

Ex.: *seḃer(e)* > ser, *peḃe* > pé, *fiḃel(e)* > fiel, *nuḃu* > nu

- g (a, o, u) – vocalizou-se, ou permaneceu ou desapareceu.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Ex.: *plaga* > praia, *agustu* > agosto, *regal(e)* > real, *leger(e)* > ler

- g (e, i) – desapareceu ou permaneceu (fonema fricativo /j/).

Ex.: *digitu* > dedo, *lege* > lei, *rugir(e)* > rugir, *ange(l)u* > anjo

- l – desapareceu.

Ex.: *filu* > fio, *velu* > véu, *color(e)* > cor, *salute* > saúde

- m – permaneceu.

Ex.: *amicu* > amigo, *homin(e)* > homem, *amar(e)* > amar

- n – nasalizou a vogal anterior e desapareceu. A ressonância nasal, em muitos casos, desapareceu ou desenvolveu um fonema palatal /ɲ/.

Ex.: *lana* > lâ, *luna* > lua, *vinu* > vīu > vinho, *vicinu* > vicīu > vizinho

- r – permaneceu.

Ex.: *hora* > hora, *are(n)a* > areia, *coro(n)a* > coroa, *cera* > cera

Consoantes simples finais:

Normalmente desapareceram. Porém:

- ♦ m – conservou-se nos monossílabos com ressonância nasal.

Ex.: *quem* > quem, *cum* > com

- ♦ n – reduziu-se à simples ressonância nasal, ora representada por til (~), ora por “m”.

Ex.: *non* > não, *ration(e)* > razão, *aman(t)* > amam, *in* > em

- ♦ s – permaneceu como desinência de plural, como desinências verbais, em nomes próprios e em advérbios.

Ex.: *aves* > aves, *amas* > amas, *debemus* > devemos, *Deus* > Deus, *Marcus* > Marcos, *ma(g)is* > mais, *minus* > menos

Grupos consonantais:

Os grupos consonantais (latinos – que já existiam em Latim – ou romanos – que resultaram da síncope de uma vogal) podem ser próprios (uma oclusiva ou “f” mais uma líquida: “l” ou “r”) ou impróprios.

Grupos Consonantais Próprios Iniciais:

- ♦ os terminados em “r” não se alteraram.

Ex.: *bracio* > braço, *cru(d)el(e)* > cruel, *drama* > drama

- ♦ os terminados em “l” ora palatizaram-se em “ch” (cl, fl e pl) e, em época posterior, modificaram-se em “cr”, “fr” e “pr”, respectivamente, ora transformaram-se em “br” e “gr” ou reduziram-se a “l” (bl e gl).

Ex.: *cl*ave > chave, *ple(n)u* > cheio, *clavu* > cravo, *fla(c)cu* > fraco, *blandu* > brando, *blastimar(e)* > lastimar, *glat(t)ir(e)* > latir

Grupos consonantais próprios mediais:

- ♦ os homogêneos (geminados) reduziram-se a simples.

Ex.: *sabbatu* > sábado, *bucca* > boca, *illa* > ela, *flamma* > chama

- ♦ os terminados em “r”, precedidos de consoante, não se alteram; precedidos de vogal, a primeira consoante recebeu o tratamento de intervocálica: sonorizou-se (por ser surda intervocálica), vocalizou-se, desapareceu (por ser sonora intervocálica), conservou-se, ou o “r” desapareceu.

Ex.: *membru* > membro, *scriber(e)* > escrever, *vitriu* > vidro, *op(e)ra* > obra, *integr* > inteiro, *nigru* > negro, *aratu* > arado, *fratre* > frade

- ♦ os terminados em “l” receberam tratamentos diversos:

- cl > ch/lh/gr.

Ex.: *mac(u)la* > mancha, *masc(u)lu* > macho, *oc(u)lu* > olho, *spec(u)lu* > espelho, *eclesia* > igreja

- fl > ch.

Ex.: *inflar(e)* > inchar, *a(f)flar(e)* > achar

- pl > ch/lh/br/pr/pl.

Ex.: *impler(e)* > encher, *scop(u)lu* > escolha, *duplu* > dobro, *implicar(e)* > empregar, *simplic(e)* > simples

- bl > lh/br/vr.

Ex.: *trib(u)lu* > trilho, *nob(i)le* > nobre, *parab(u)la* palavra

- gl > lh/gr ou permaneceu.

Ex.: *coag(u)lu* > coalho, *reg(u)la* > regra, *negligentia* > negligência

- tl > ch/lh.

Ex.: *ast(u)la* > acha, *vet(u)lu* > velho, *rot(u)la* > rolha

Grupos consonantais impróprios:

- ♦ os iniciados por “s” impuro receberam um “e” protético, sendo que no

“sc”, seguidos de “i” ou “e”, o “s” desapareceu ou passou a “ix”.

Ex.: ste(l)la > estrela, scientia > ciência, scena > cena, pisce > peixe

- ◆ os formados por uma oclusiva mais outra consoante:

- ct – o “c” vocalizou-se ou desapareceu.

Ex.: nocte > noite, octo > oito, doctu > douto, actu > auto, jactu > jeito

- pt – o “p” vocalizou-se ou desapareceu.

Ex.: conceptu > conceito, a(c)ceptu > aceito, ruptu > roto, septe(m) > sete

- gn – o “g” vocalizou-se ou palatizou-se.

Ex.: regnu > reino, Agnes(e) > (E)Inês, pugnu > punho, agnu > anho

- bs – o “b” vocalizou-se ou desapareceu.

Ex.: absentia > ausência, absconder(e) > esconder, substar(e) > sustar

- mn – o “m” desapareceu.

Ex.: autumnu > outono, dom(i)nu > dono, somnu > sono

- ns – o “n” desapareceu.

Ex.: mensa > mesa, sponsa > esposa, pensar(e) > pesar

- x (/ks/) – passou a “ix”, “s” ou “ss”.

Ex.: saxu > seixo, excusar(e) > escusar, dixi > disse

- ◆ Grupos de consoante (consoante e semivogal):

- ly > lh.

Ex.: filiu > filho, palea > palha, a(l)liu > alho

- ny > nh.

Ex.: aranea > aranya > aranha, senior(e) > senyor > senhor

- cy > ç/z (depois que o “i” passa a iode).

Ex.: facio > facyo > faço, judiciu > judicyu > juízo > juízo

- ty > ç/z.

Ex.: gratia > graça, be(l)litia > belia > beleza

- dy > c/j, ou o “d” desapareceu (porque o “i” não passou a iode).

Ex.: audiu > audyu > ouço, hodie > hodye > hoje, radu > raio

- gy > j ou o “g” desapareceu (porque o “i” não passou a iode).

Ex.: *fugio* > fugyu > fujo, *ange(l)u* > angyu > anjo, *navigiu* > navi(i)u

- sy > ij/j.

Ex.: *baseu* > basyu > beijo, *e(c)clesia* > eclesya > igreja

- ssy > ix.

Ex.: *basseu* > bassyu > baixo, *passio(n)(e)* > passyõ > paixão

4. O léxico português

O léxico português é, em grande parte, de origem latina (latim vulgar), já que um grande número de vocábulos portugueses provém da forma latina em acusativo (sem o “-m”). Logo, o acusativo latino é considerado o caso lexicogênico da língua portuguesa, o que justifica o fato de o plural dos vocábulos portugueses ser formado com “-s”, como o era em latim (ex.: *lunam*, *lupum*, *florem* – Acusativo singular; *lunas*, *lupos*, *flores* – Acusativo plural).

Entretanto, um número bastante significativo de empréstimos linguísticos verifica-se no conjunto de vocábulos, que constitui o léxico português, em cujo estudo se verificam as formas evoluídas – aquelas que surgiram por via popular –, as formas eruditas – aquelas que foram tomadas de empréstimos ao latim clássico –, e as formas estrangeiras – aquelas que foram tomadas de empréstimos às diversas línguas com que contactou a língua portuguesa.

Convém ressaltar que os dois processos morfológicos de formação: a derivação e a composição, muito produtivo na língua latina, também passou para a morfologia da língua portuguesa, que têm sido muitíssimo produtivo. Em português, o processo de derivação sufixal é tão comum que se efetiva não só com bases portuguesas como também com bases estrangeiras (ex.: blefaço, cuscuzeira, choppeco, czaricida, deletar, estressado, futebolista, gourmetizar, pizzaria, recauchutagem, reformatar, showmício) e especialmente com formas latinas (ex.: arborizar, bovino, digital, felicidade, imaculada, insano, lunático, ocular, pisciano, régio etc.).

Ainda passaram do latim para o português um número considerável de afixos (especialmente, sufixais) e algumas desinências verbais e as duas desinências nominais (a de gênero feminino: “-a” e a de número plural: “-s”). Também esses elementos de ampliação lexical sofreram transformações fonético-ortográficas na passagem para a língua portuguesa e alguns deles tomaram formas especificamente portuguesa, mantendo semelhanças com as

formas originárias em muitos casos. Eis alguns desses sufixos: -ança/-ância > -antia; -ano(a)/-ão/-ã > -anus, -a, -um, -ário(a)/-eiro(a) > -arius, -a, -um, -cundo(a) > -cundus, -a, -um, -eno(a) > -enus, -a, -um, -ície/-ice > -ities, -ino(a)/-inho(a) > -inus, -a, -um, -idade > -itate, -ivo(a)/-io(a) > -ivus, -a, -um, -ático(a)/-ico(a) > -aticus, -a, -um, -ato/-ado > -atu, -áceo(a) > -aceus, -a, -um, -âneo(a) > -aneus, -a, -um, -bundo(a) > -bundus, -a, -um, -ório(a) > -orius, -a, -um, -s(s)/-ção > -tione.

Há, ainda, os sufixos eruditos (como: -cracia, -dromo, -íssimo, -érrio, -fobia, -ículo, -ismo, -ista, -ite, -latria, -oma, -ose, -úcleo, -ulo, -únculo, -úsculo, -(t)or), que foram tomados diretamente da língua latina mais tarde e principalmente na época do Renascimento. Por isso, não sofreram metaplasmos e entraram para a morfologia do português praticamente com a mesma forma gráfica da língua de origem.

4.1. Formas evoluídas (populares)

São consideradas formas evoluídas aquelas que resultaram da adoção da língua latina pelos povos daquela época, cujo núcleo lexical se estabeleceu no romance lusitânico. Esta estrutura fono-morfológica criou os padrões lexicais portugueses, aos quais se adaptaram, inclusive, os empréstimos linguísticos que a língua portuguesa tomou mais tarde do próprio latim e de outras línguas.

Os metaplasmos são o resultado das evoluções dos termos latinos, principalmente, que se processaram na boca do povo. Daí, serem as formas evoluídas aquelas que se processaram por via popular.

As formas semieruditas também são populares, que, embora tenham entrado na língua em época posterior e por meio da Igreja, principalmente, da administração romana e do ensino escolar, sofreram pequenas alterações fonéticas, muitas das quais semelhantes às dos princípios fonéticos que constituem o vocalismo e consonantismo.

Convém ressaltar que ao lado destas formas semieruditas é comum encontrarmos outras evoluídas, cujos significado e emprego podem ser distintos. São exemplos de formas evoluídas os seguintes vocábulos: árvore (< *arbore*), alvo (< *albru*), artelho (< *articulo*), boca (< *bucca*), cheio (< *plenu*), dedo (< *digitu*), lua (< *luna*), mágoa (< *macula*), mancha (< *macula*), olho (< *oculu*), povo (< *populu*), praia (< *plaga*), solteiro (< *solitariu*), telha (< *tegula*), velho (< *vetulu*). São exemplos de formas semieruditas os seguintes vocábulos: afecção (< *affectione*), anjo (< *angelu*), apreender (< *apprehendere*),

artigo (< *articulu*), besta (< *bestia*), espátula (< *spatula*), madre (< *matre*), padre (< *patre*), tenro (< *teneru*).

4.2. *Formas eruditas*

São consideradas formas eruditas aquelas que entraram em época posterior à formação da língua portuguesa propriamente dita, e que não receberam alterações profundas, o que as relacionaria entre os metaplasmos.

O contato com a literatura romana ainda se dava durante a Idade Média e isso proporcionou a adoção de palavras vindas diretamente do latim. A partir do século XV e, principalmente, no século XVI, houve uma entrada em massa de termos eruditos por via literária ou erudita. Este é o período áureo da Renascença, durante o qual os literatos buscavam resgatar a língua latina, como se fosse possível substituir pelo latim aquela língua portuguesa, que já se consagrava como uma língua de cultura, perfeitamente assimilada pelos populares.

É certo que o latim não pôde suplantir o português e foi deixado de lado. Com isso, muitos termos foram substituídos e outros, ficaram com o significado restrito; o léxico se renovou, ampliando-se mais propriamente. São exemplos de formas eruditas os seguintes vocábulos: alienar (< *alienare*), amplo (< *amplu*), artículo (< *articulu*), décima (< *decima*), decreto (< *decretu*), duplo (< *duplu*), lacuna (< *lacuna*), local (< *locale*), mácula (< *macula*), óculo (< *oculu*), parábola (< *parabola*), pleno (< *plenu*), rígido (< *rigidu*), solitário (< *solitariu*), tela (< *tela*).

4.3. *Formas estrangeiras*

São consideradas formas estrangeiras aquelas que penetraram na língua em época bem posterior, quando a língua portuguesa já estava formada, a partir do intercâmbio cultural e comercial, principalmente, mantidos entre o povo português e os outros. Estas formas estrangeiras eram admitidas no português por empréstimos normalmente para expressar uma ideia, para a qual não havia uma palavra no idioma. Porém, em muitos casos, o idioma já possuía uma palavra própria.

O empréstimo de formas estrangeiras é um recurso bastante utilizado ainda hoje. Muitas vezes, tais formas recebem pequenas alterações para acomodarem-se à estrutura do português. São as chamadas palavras aportuguesadas.

São exemplos de formas estrangeiras os seguintes vocábulos: *alibi* (< *alibi* ⇔ latim), *bule* (< *búli* ⇔ malaio), *cenário* (< *scenario* ⇔ italiano), *chefe* (< *chef* ⇔ francês), *chapéu* (< *chapeau* ⇔ francês), (*deficit* < *deficit* ⇔ latim), *dueto* (< *duetto* ⇔ italiano), *estepe* (< *step* ⇔ russo), *esporte* (< *sport* ⇔ inglês), *hambúrguer* (*hamburger* ⇔ alemão), *ilha* (< *illa* ⇔ catalão), *jaleco* (< *jelek* ⇔ turco), *jangada* (< *changadam* ⇔ malaio), *lhano* (< *llano* ⇔ espanhol), *mochila* (< *mochila* ⇔ espanhol), *pastorela* (< *pastourelle* ⇔ provençal), *quimono* (< *kimono* ⇔ japonês), *sanduíche* (< *sandwich* ⇔ inglês), *refrão* (< *refrán* ⇔ castelhano), *show* (< *show* ⇔ inglês), *viagem* (< *viatge* ⇔ provençal), *zinco* (< *zink* ⇔ alemão).

5. O que são os metaplasmos?

As alterações fonético-ortográficas que sofreram as palavras durante a sua evolução são os chamados metaplasmos. Tais transformações das formas vocabulares foram causadas por princípios, relativamente, inconscientes, graduais e regulares.

Podem ser os metaplasmos por aumento, por supressão, por transformação ou por transposição.

Metaplasmos por aumento:

1. Epêntese – é o acréscimo de fonema no interior da palavra (ex.: *um(e)ru* > *ombro*, *are(n)i* > *areia*, *humile* > *humilde*, *ste(l)la* > *estrela*).
2. Anaptixe (ou Suarabácti) – é o acréscimo de uma vogal para desfazer um grupo consonantal; é um tipo de epêntese (ex.: *kru(p)pa* > *garupa*, *blatta* > *bra(t)ta* > *barata*).
3. Paragoge (ou Epítese) – é o acréscimo de um fonema no final da palavra (ex.: *ante* > *antes*, *club* > *clube*, *zink* > *zinco*).
4. Prótese – é o acréscimo de um fonema no início da palavra (ex.: *scutu* > *escudo*, *star(e)* > *estar*, *stel(l)a* > *stela* > *estela* > *estrela*).
5. Aglutinação – é um tipo de prótese, que se dá quando o artigo se junta à palavra como se fosse um prefixo (ex.: *a* + *na(n)a* > *anã*, *a* + *lacu(n)a* > *alagoa* (Arc.), *a* + *minatia* > *ameaça*, *a* + *monstrar(e)* > *amostrar*).

Metaplasmos por supressão:

1. Aférese (ou Deglutição) – é a supressão de um fonema no início da palavra (ex.: *a(t)ton(i)tu* > *tonto*, *epigru* > *prego*, (h)*orologiu* > *relógio*).

2. Apócope – é a supressão de um fonema no final da palavra (ex.: *mare* > mar, *atrocee* > atroz, *ete* > e, *amate* > ama).
3. Crase – é a fusão de dois fonemas vocálicos semelhantes (ex.: *se(d)er(e)* > ser, *popu(l)u* > *poboo* > povo).
4. Sinalefa (ou Elisão) – é a supressão de um fonema vocálico final na formação por composição (ex.: *de + intra* > dentro, *de + ex + de* > desde).
5. Síncope – é a supressão de um fonema no meio da palavra. Normalmente, as sonoras intervocálicas foram suprimidas (ex.: *opera* > obra, *digitu* > dedo, *ego* > eu, *luna* > lua, *dolor(e)* > dor).
6. Haplogogia – é a supressão da primeira sílaba no meio da palavra por ter semelhança sonora com a seguinte (ex.: *perdita* > *perdeda* > perda, *idololatria* > idolatria, *semiminima* > semínima).
7. Simplificação – é a fusão de consoantes gêmeas (ex.: *bellitia* > belitia > beleza, *caballu* > cavalo, *bucca* > boca).

Metaplasmo por transposição:

1. Metátese – é a transposição de um fonema na mesma sílaba (ex.: *semper* > sempre, *super* > sobre).
2. Hipértese – é a transposição de um fonema de uma sílaba para outra (ex.: *capia(m)* > caiba, *primariu* > primeiro, *(e)pigru* > prego).
3. Sístole – é o hiperbibasmo (deslocamento do acento tônico) por recuo (ex.: *idolu* > ídolo, *amassemus* > amássemos, *camp(n)a* > *cam*pa).
4. Diástole – é o hiperbibasmo por avanço (ex.: *limite* > *limite*, *muliere* > *mulier(e)* > *mulher*, *integru* > *inteiro*).

Metaplasmos por transformação:

1. Apofonia (ou Deflexão) – é a transformação, normalmente de timbre, da vogal da sílaba inicial por influência de um prefixo (ex.: *in + aptu* > inepto, *per + factu* > perfeito, *sub + jactu* > sujeito).
2. Assibilação – é transformação de um ou mais fonemas em uma sibilante (ex.: *capitia* > cabeça, *ratio(n)(e)* > razão, *audio* > ouço, *ju(d)iciu* > juízo).

3. Assimilação – é a transformação de um fonema em outro do qual recebe influência. A assimilação pode ser total, parcial, progressiva ou regressiva (ex.: *ipsu* > *isso*, *lacte* > *laite* > *leite*, *guru* > *ouro*, *amaramlo* > *amaram-no*).
4. Consonantização – é a transformação de um fonema vocálico em um consonantal (ex.: *Iesus* > *Jesus*, *uagar(e)* > *vagar*, *ua(c)ca* > *vaca*).
5. Degeneração – é a transformação do fonema /b/ em /v/ (ex.: *caba(l)lu* > *cavalo*, *amaba(t)* > *amava*).
6. Desnasalação – é a transformação de um fonema nasal em um oral (ex.: *coro(n)a* > *corõa* > *coroa*, *po(n)er(e)* > *põer* > *pôr*, *lu(n)a* > *lũa* > *lua*).
7. Dissimilação – é a transformação ou supressão de um fonema por já existir outro semelhante na palavra. A dissimilação pode ser vocálica, consonantal, progressiva ou regressiva (ex.: *rotundo* > *redondo*, *calame(l)lu* > *caramelo*, *aratru* > *arado*, *parab(o)la* > *paravra* > *palavra*).
8. Ditongação – é a transformação de uma vogal ou de um hiato em um ditongo (ex.: *sto* > *estou*, *are(n)a* > *areia*, *ma(l)u* > *mau*, *pa(n)es* > *pães*).
9. Monotongação – é a transformação de um ditongo em uma vogal (ex.: *auric(u)la* > *orícla* > *orelha*, *lucta* > *lũa* > *luta*, *Agnēs* > *Eínes* > *Inês*).
10. Metafonia (ou alternância vocálica) – é a modificação, normalmente de timbre, de uma vogal tônica mormente por influência de outra ou de uma semivogal (ex.: *debita* > *dívida*, *tosso* > *tusso*, *focu* > *fogo*).
11. Nasalação – é a transformação de um fonema oral em um nasal (ex.: *mi(h)i* > *mĩ* > *mim*, *multu* > *mũitu* > *muíto*, *ma(tr)e* > *mãe*).
12. Palatização – é a transformação de um ou mais fonemas em uma palatal (ex.: *vinea* > *vinha*, *julio* > *julho*, *hodie* > *hoje*, *fla(m)ma* > *chama*).
13. Sonorização (ou Abrandamento) – é a transformação de um fonema surdo, intervocálico, em seu homorgânico sonoro (ex.: *lupu* > *lobo*, *maritu* > *marido*, *aqua* > *água*, *facer(e)* > *fazer*, *profectu* > *proveito*).

6. A contemporaneidade da formação vocabular com metaplasmos

A ampliação do léxico do português se faz constante, pois podemos observar mudanças fonéticas na língua, mormente na fala espontânea dos usuários do linguajar popular. Os falantes do português do Brasil, por exemplo, utilizam todos os tipos de metaplasmos ainda hoje. Ocorrem metaplas-

mos de aumento, de supressão, de transposição e de transformação, na criação de novas formas vocabulares.

Podemos encontrar algumas dessas formações contemporâneas também nas canções populares brasileiras (Cf. Botelho; Leite, 2005), algumas das quais, inclusive, já foram registradas em dicionários. Em contra partida, algumas dessas formações com metaplasmos têm sido consideradas “erros” gramaticais. Certamente, um olhar mais apurado e menos preconceituoso sobre certas formações vocabulares de nossos educandos faria a nós educadores reconhecer que o processo de transformações vocabulares ainda não chegou ao fim.

Atentemos para alguns exemplos de formações com metaplasmos por aumento, que ocorrem quando inserimos um fonema no vocábulo, na fala cotidiana de nossos aprendizes: com epêntese (asterisco > asterístico, estalo > estralo, prazerosamente > prazeirosamente); com anaptixe ou suarabácti (designo > desiguino, ignorante > iguinorante, pneu > pineu ou peneu, advogado > adevogado, optar > opitar, opto > opito); com paragoge ou epítese (mártir > mártire, variz > varize, cálix > cálice); e com prótese (renegar > arrenegar, lagoa > alagoa, voar > avoar, lembrar > alembrar, com aglutinação (de repente > derrepente, de certo > decerto, a cerca > acerca).

Atentemos também para alguns exemplos de formações com metaplasmos por supressão: com aférese (está > tá, espera aí > pera aí, José > Zé, você > cê, ainda > inda); com apócope (bobagem > bobage, quer > qué, saber > sabe, furúnculo > furuncu); com síncope (bêbado > bebo, cócegas > coscas, furúnculo > furuncu, murcho > mucho, também > tamém); com haplologia (paralelepípedo > paralepípedo, infalibilidade > infabilidade).

Também temos alguns exemplos de formações com metaplasmos por transposição: com metátese (perguntar > preguntar, prateleira > parteleira, entreter > enterter, barganha > braganha); com hipértese (nervoso > nevroso, tábua > tauba, bicarbonato > bicabornato, vidro > vrido); com sístole (rubrica > rúbrica, ruim > ruim, filantropo > filântropo, acrobata > acróbata); com diátole (gratuito > gratuito, ínterim > interim). Interessante são os casos de “drible > dibre” e de “problema > pobrema”, em que ocorrem a síncope do “-r-” e o rotacismo de “-l-”.

Ainda encontramos exemplos de formações com metaplasmos por transformação: com degeneração (basculante > yasculhante, assobio > assoyio). Também pode ocorrer o betacismo, que é a transformação de /v/ em /b/ (assoviar > assobiar, travesseiro > trabesseiro, verruga > berruga); com desnalação (virgem > virge, homem > homi, fizeram > fizeru); com dissimilação (pílula > pirla, estrambótico > estrambólico, privilégio > previlégio); com ditongação (bandeja > bandeija, saudar > saudar, mas > mais); com

monotongação (freira > frera, manteiga > mantega, estou > stô, sou > sô, beijo > bejo, ele rouba > ele róba); com metafonía (direito > dereito, diferente > deferente, quedê > cadê); com nasalação (mostruário > monstruário, aipim > aimim, ignorante > inguinorante); com palatização (Antônio > Antonho, família > familha, basculante > vasculhante, salsicha > salchicha); com sonorização ou abrandamento (cuspir > guspir, cócega > cosça, constipação > gustipação); com despalatização (cabeçalho > cabeçallio/cabeçário, mulher > mulé, churrasco > surrasco). Também se podem considerar casos de transformação por “rotacismo” (Flamengo > framengo, flecha > frecha, aluguel > aluger, mesmo > mermo) e por “lambidacismo” (marmita > malimita, garfo > galfo, neblina > leblina).

Além dessas formas vocabulares simples com metaplasmos, podemos assinalar o uso de formas complexas, em que metaplasmos distintos coocorrerem, resultando vocábulos simples como o dicionarizado “você”, de “vosmecê > Vossa Mercê” (o desusado cem mil réis > cem mirrés; de você > docê; Deixe eu ver. > Dexovê./Xovê.; Deixa comigo! > Xacomigo!; Me fudi!/Se fudeu! > Mifu!/Sifu!; país tropical > patropi; Qual é?! > Qualé?!; Que é de? > Quedê? > Cadê?; Puta que o pariu! > Putzgrila!/Putz!; Sabe como é que é? > Sacomé?; Vamos embora! > Vambora!/Simbora!/Bora!). Convém ressaltar que “embora” já é o resultado de uma formação complexa: “em boa hora”.

Não raro, encontramos casos de transformação com metaplasmos em textos poéticos, como nesse trecho da canção “Circuladô de fulô”, de Caetano Veloso, na qual temos o registro do discurso oral da região nordestina do Brasil:

“circuladô de fulô ao deus ao demodará que deus te guie
porque eu não posso guiá e viva quem já me deu
circuladô de fulô e ainda quem falta me dá
o povo é o inventalinguas na malícia da maestria no matreiro
da maravilha no visgo do improviso tentando a travessia
azeitava o eixo do sol
circuladô de fulô ao deus ao demodará que deus te guie
porque eu não posso guiá e viva quem já me deu
circuladô de fulô e ainda quem falta me dá”

No referido texto, temos as palavras “circuladô”, “fulô”, “demodará”, “guiá” e “inventalinguas”, as quais são casos de metaplasmos contemporâneos. A palavra “circulador” sofreu apócope do “-r” e passou a “circuladô”; a palavra “flor” sofreu anaptixe, com a inclusão do fonema /u/ na primeira sílaba da palavra, desfazendo o encontro consonantal “fl” e apócope do “-r”, resultando na palavra “fulô”. As palavras “inventá” e “linguas” foram unidas

por justaposição, resultando na palavra composta “inventalínguas”. As palavras “demo” e “dará” foram, como no exemplo anterior, unidas por justaposição e resultou na palavra “demodará”. A palavra “guiar” sofreu apócope do “-r”, resultando na palavra “guiá”.

7. Conclusão

De certo, a nossa língua portuguesa está em processo de constantes transformações fonéticas e de outras naturezas. Os metaplasmos que ocorreram na formação do seu léxico não ficaram no passado, porquanto o léxico da língua ainda está em formação. Algumas das formas surgidas no discurso oral já estão dicionarizadas, enquanto outras continuam restritas somente a esta modalidade.

Embora ainda haja muito que se falar sobre esse assunto, espero que o pouco que aqui foi apresentado tenha sido o suficiente para despertar nos estudiosos o interesse pela história da língua portuguesa e a formação de seu léxico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de Filologia Românica*: história interna das línguas. São Paulo: USP, 2010 [2001].

_____. A herança vocálica do latim nas línguas românicas. *Cadernos do CNLF*, Série IV, n° 08. *Anais do IV CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2000. Disponível em: http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ08_1.htm.

BOTELHO, José Mario. *Estudos introdutórios de Filologia Românica*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/estudos-introdutorios-de-filologia-romanica/#>.

_____. *História externa da língua portuguesa e a formação de seu léxico*. Rio de Janeiro-RJ: Autografia, 2022.

_____; LEITE, Isabelle Lins. Metaplasmos Contemporâneos – Um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. *Anais do II Congresso de Letras da Uerj (CLUERJ)*, Volume Único, Ano 2, n° 01. São Gonçalo: FFP-Uerj, 2005. (Congresso). Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/ANAIS/ii/completos/comunicacoes/isabellelinsleite.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2025.

_____. *História e formação do léxico da língua portuguesa*. Monografia de final de Curso (Mestrado em Letras – Departamento de Letras – PUC-Rio). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1993.

CÂMARA JR, Joaquim Matoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica*. São Paulo: Ática, 1969.

DIAZ Y DIAZ, Manuel C. *Antologia del Latin Vulgar*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1962.

ENGELS, J. Les “Gloses de Reichenau” Rééditées. *Neophilologus*, v. 52, 378-86, Munique, out de 1968. <https://doi.org/10.1007/BF01515488>

FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. 2. ed., 2. Impr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

GRANDGENT, C. H. *Introduccion al Latin Vulgar*. 2. ed. en reproduccion fotografica. Traduccion del ingles, adicionada por el autor, corrigida y aumentada con notas, prologo y uma antologia por Francisco de B. Moll. Madrid: Revista de Filologia Española, 1952.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

NASCENTES, Antenor. *Elementos de Filologia Românica*. Apresentação de Rosalvo do Valle. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1977 [1957].

NETO, Serafim da Silva. *Fontes do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1946.

_____. *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1977.

OLIVEIRA, Roberto Arruda de. Aspectos do latim vulgar. *Entrepalavras*, ano 3, v. 3, n. esp., p. 143-51, Fortaleza, ago/dez 2013.

SILVA, José Pereira da. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: O autor, 2010.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa: Dinalivro, [s.d.].

VÄÄNÄNEN, Veikko. *Introduccion al latín vulgar*. Versión española de Manuel Carrión. Madrid: Gredos, 1968.